

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

8 de Julho de 2020

A VIDA CONTINUA

## WAY OF A GAUCHO / 1952 O Gaúcho

*Um filme de Jacques Tourneur*

*Ralização das sequências adicionais:* (não creditado) Henry Levin / *Argumento:* Philip Dunne, baseado no romance de Herbert Childs / *Diretor de fotografia (35mm, Technicolor.):* Henry Jackson / *Direção artística:* Lyle R. Wheeler / *Cenários:* Thomas Little, Bruce MacDonald / *Guarda-roupa:* Charles LeMaire (supervisão), Mario Vanarelli (desenho) / *Música:* Sol Kaplan / *Montagem:* Robert Fritch / *Som:* Eugene Grossman, Harry M. Leonard / *Interpretação:* Rory Calhoun (*Martín Penalosa*), Gene Tierney (*Teresa Chávez*), Richard Boone (*Major Salinas*), Hugh Marlowe (*Miguel Aldeondo*), Everett Sloane (*Falcón*), Enrique Chaico (*Padre Fernández*) e outros.

*Produção:* Philip Dunne, para a Twentieth-Century Fox / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas electrónicas em português / *Duração:* 87 minutos / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Politeama), 17 de Setembro de 1953. Primeira apresentação na Cinemateca a 30 de Abril de 2003, no âmbito do ciclo "Jacques Tourneur".

*A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.*

\*\*\*\*\*

*"Ele é um pateta, mas é muito gaúcho".*  
dos diálogos do filme

Não deixa de ser curioso que o cinema americano se tenha interessado em produzir um filme situado entre os gaúchos argentinos, na medida em que qualquer filme sobre gaúchos tem inevitáveis semelhanças com um género tipicamente americano e que se encontrava no auge quando **Way of a Gaucho** foi realizado: o *western*. Há na Argentina uma longa tradição literária e cinematográfica em relação ao gaúcho, que também inspirou óperas e bailados. A tradição literária remonta aos começos do século XIX e criou todo um género, a *literatura gauchesca*, cujo ponto culminante é o poema épico *El Gaucho Martín Fierro*, de José Hernández (1872), adaptado ao cinema de modo bastante infeliz por Leopoldo Torre-Nilsson, em 1969 (os dois primeiros versos do poema são tão conhecidos na Argentina como o primeiro de *Os Lusíadas* no mundo lusófono). Num texto de 1968, Borges (que escreveu diversos contos situados entre gaúchos), definiu alguns traços do personagem: "*Seria inútil tentar defini-lo etnicamente (...), podia ser mestiço de índio e às vezes de negro, como podia ser branco. Ser gaúcho foi um destino. O gaúcho aprendeu a arte de viver no deserto e a suportar os seus rigores; os seus inimigos foram os súbitos ataques dos índios (...), a sede, as feras, a seca, os campos incendiados. Vieram depois as lutas em nome da liberdade e da anarquia. O gaúcho não foi, como o seu longínquo irmão do Far-West um aventureiro, um homem que buscava vastas terras virgens ou um filão de ouro, porém as guerras arrastaram-no para longe do seu lar e ele sacrificou estoicamente a sua vida em regiões distantes por abstrações cujo sentido jamais percebeu - a liberdade, a pátria - ou por um chefe*". Embora o gaúcho também exista no Uruguai e no sul do Brasil, foi na Argentina que ganhou foros de personagem mitológico. Borges chegou a escrever que se os argentinos não tivessem escolhido como livro nacional o *Martin Fierro*, que admirava e para o qual escreveu três prefácios ("*um livro muito bem escrito, que foi muito mal lido*"), mas cujo herói é um desertor, um fora-da-lei muito parecido ao do filme de Tourneur, "*a nossa história teria sido outra e melhor*".

O cinema argentino, como já foi dito, mostrou muitas vezes o mitológico (anti)herói nacional, em filmes como **Pampa Bárbara**, de Hugo Fregonese, que também realizou um notável *western*, **Apache Drums**. Mas porquê terá sido este **Way of a Gaucho**, parcialmente filmado nas pampas e nas montanhas da Argentina? A razão não poderia ser mais prosaica: para utilizar os lucros da Fox que o governo de Juan Domingo Perón congelara na Argentina. A realização deveria ter sido confiada a Henry King mas, infelizmente para ele e felizmente para os cinéfilos, a sua mulher adoeceu e o trabalho foi confiado a Tourneur, por sugestão do argumentista e produtor Philip Dunne, que não teve grande dificuldade em convencer Darryl Zanuck, o patrão da Fox. Um governo como o de Perón não poderia deixar de tentar intervir de todos os modos na preparação do filme e durante a primeira viagem ao país Dunne escreveu a Zanuck: *“Nenhum governo sensato agiria deste modo, mas não nos podemos esquecer que estamos a lidar com pessoas estúpidas e provincianas”*. O guião teve de ser reescrito sob pressão argentina. Isto explica sem dúvida o excesso de cor local nas sequências iniciais, com uma verdadeira enfiada de elementos “típicos”: um *malambo* (dança brutal dos gaúchos), o duelo à faca com o poncho enrolado à volta do braço, um churrasco, o inevitável mate sorvido com a não menos inevitável *bombilla* e umas cantorias. Por outro lado, graças não à polícia argentina mas a argumentistas e conselheiros do cinema local, o filme não tem nenhuma daquelas falhas culturais gritantes que tantas vezes marcam os filmes americanos. Há elementos sutis, como o nome do protagonista, que não deve ser fruto do acaso: Martín é o nome do mais célebre gaúcho de todos, o já citado Martín Fierro (que como o gaúcho do filme, desertou da tropa, onde fora alistado à força) e também o do herói nacional argentino, San Martín. O argumento, construído com grande inteligência, é uma reflexão sobre a ideia de liberdade, sobre a necessidade do indivíduo submeter a sua liberdade à ordem geral, sacrificar o seu individualismo pelo bem-estar comum: em suma, civilizar-se. O tema da vitória da lei escrita sobre a “justiça popular” aparece em muitos *westerns*, mas em nenhum talvez haja um individualismo tão radical como em **Way of a Gaucho**, o que é exemplificado pela magnífica sequência em que os bandoleiros atacam a equipa que traz material para construir um caminho-de-ferro: destroem o material, mas não pensam em roubá-lo, em tirar lucros do ato que praticam.

Depois de concluídas as filmagens na Argentina, Zanuck mandou acrescentar algumas sequências ao filme, para acentuar o lado “heróico” do personagem, que foram feitas na Califórnia por Henry Levin. Tourneur estava “queimado” para sempre na Fox, em parte devido ao seu alcoolismo. Segundo o testemunho de alguns argentinos da equipa, Tourneur começava a beber às 10 da manhã e *“limitava-se a fazer o seu trabalho, sem manifestar interesse especial”*. Não é o que se pode deduzir do resultado final. Mesmo que não concordemos com Chris Fujiwara, quando este escreve que *“Way of a Gaucho é, com Anne of the Indies, talvez o mais belo filme de Tourneur”*, não estamos nunca diante do trabalho de um funcionário que se desincumbe de uma obrigação, mesmo porque o argumento e o contexto cultural do filme são insólitos para Hollywood. A articulação do espaço, que passa da interminável planície da pampa a montanhas áridas e dali a montanhas geladas, ilustra a melhor tradição do *western* e todas as sequências “de ação”, que não são poucas, ilustram o gosto de Tourneur pelo trabalho em surdina, pela recusa da ênfase, desde o duelo inicial, cujo desfecho é abrupto e em *off*, até ao final aberto, de modo a permitir ao espectador imaginar o desfecho. *Western* transposto para o hemisfério sul, *western* tingido por uma outra mitologia e parábola da passagem à idade adulta, **Way of a Gaucho** ilustra diversos temas do cinema americano, despindo-os porém das suas convenções. Como tantos filmes de Jacques Tourneur, é um “filme menor” maior.

Antonio Rodrigues